

As almas em agonia

Eliseu Banori

As almas em agonia



Rio de Janeiro
2015



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

As almas em agonia

Copyright © 2015, Eliseu Banori

PoD Editora

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 sala 1110
Centro – Rio de Janeiro - 20060-030
Tel. 21 2236-0844 • www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Diagramação:

Pod Editora

Impressão e Acabamento:

PoD Editora

Revisão:

Érica Cristina Bispo

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B171a

Banori, Eliseu

As almas em agonia / Eliseu Banori - 1ª ed. - Rio de Janeiro: PoD, 2015.

146p. il.; 21cm

inclui índice

ISBN 978-85-5589-003-1

1. Ficção guineense. I. Título.

15-27653

CDD: 869.3

CDU: 821.134.3-3(082)

26/10/2015

27/10/2015

Dedico esse livro a todos os jovens guineenses que sonham em cada noite com um amanhã que nunca se amanhece, que um dia essa esperança de vencer a vida ocupe lugar das expectativas irrealizáveis.

Devo gratidão a Deus pelo dom concedido de expressar os sentimentos em palavras; Grato a professora Anabelle Loivos pelo incentivo de levar adiante a publicação dessa obra; ao meu amigo Lamine Soncó que tem me incentivado sempre a escrever. Às minhas queridas amigas: Érica Cristina Bispo e Carmem Tindó, ambas estudiosas das literaturas africanas pelas palavras sábias que somam maiores virtudes da obra.

Tudo cabe na nossa memória se soubermos despertá-la.

Augusto Abelaira

Nota do Autor

Já dizia a famosa frase na literatura brasileira de que nem tudo que a gente diz expressa nossos sentimentos. Não me lembro de quem é a frase, que a minha memória deixou de guardar, porém a grande verdade é que a literatura não é tão aceitável para expressar a dor da nossa alma. Apesar de que através dela podemos conscientizar a abraçá-la em alívio da nossa aflição, isto é, podemos sorrir para não chorar, alegrar para não ficar triste, contudo no fundo do fundo há um vazio na nossa alma que só o tempo é capaz de preenchê-lo.

O presente livro *As almas em agonia* espelha a dor de maioria dos jovens guineenses, e procura abordar em gênero imaginário a real situação que envolve a juventude guineense. Enquanto eu escrevia não me parava de pensar e viajar num passado amargo que eu me submeti ao longo dos anos, aliás, a vida miserável cercados pela falta: de oportunidades, dos sonhos fracassados e de um amanhã que nunca se amanhece.

Não é segredo nem é muito raro ouvir a resposta de um jovem guineense que vive em Bissau, ou qualquer parte do país se for perguntado em relação ao seu futuro: a resposta que podemos esperar dessa pergunta, certamente é sair do país em busca de uma nova vida. Esse sonho você pode ler em cada rosto frígido, enxergar de longe as lágrimas amargas e infinitas que inundam seus espaços cotidianos. Se a situação política e econômica do país fosse aprazível não era tão necessário alimentar esse desejo, que muitos até são capazes de sacrificar a

vida e arranca-rabo com seus familiares a fim de conseguir um visto carimbado no passaporte destino à Europa. Contudo cientes da dura situação vivida lá, porém nada importa, pois muitos que forem por lá já dão bem na vida e muitos deles se fantasiam para confundir o povo ao regressarem ao país Natal. É uma realidade, um sonho, um desejo no seio da juventude guineense de sair do país a qualquer custo.

Como eu disse antes enquanto eu escrevia esse romance me viajei muito a minha infância, a minha adolescência em Bandim para poder reunir elementos favoráveis para sustentar o que escrevo, pois é nessa infância que adquire as primeiras percepções do mundo, um olhar que não se limita a nada. E assim sendo, o personagem Preto João Ferreira carrega em si vários traços e característica para se representar o jovem guineense, seja no aspecto social, seja no aspecto tradicional e religioso. Não posso esconder de que me inspirei muito em algumas realidades tradicionais cheias de superstições e rituais locais aqui apresentadas de formas imagináveis para poder chegar ao leitor com clareza.

Ao longo da leitura do livro, o leitor poderá encontrar inúmeras palavras idiomáticas desconhecidas no texto de formas abusivas, para isso, procurei organizar um glossário enorme para facilitar a compreensão das mesmas. Não foram tão fáceis glosar muitas destas expressões para português, pois a língua crioula é uma língua em processo de evolução sem uma gramática normativa e descritiva. Sendo assim, procurei trazer mais sinônimos para uma única palavra sem fugir dos contex-

tos a tratar. Espero que o leitor possa viajar em mundo de ficções, que no fundo é uma realidade de vida dos jovens guineenses. Também espero que o leitor possa saborear a delícia e os sons fonéticos da língua crioula, uma língua viva, fácil de se entender e comunicar.

Eliseu Banori

Prefácio

Rosa assim és Guiné
Na pétala que dói
Minha rosa ferida
Resvalas na foice fria da memória esquecida
(Tony Tcheka)

A primeira vez que conheci a Guiné-Bissau foi em 1995, num livreto da igreja que anunciava a construção de uma escola em Bafatá. Apaixonei-me por esse projeto educacional imediatamente e, por causa dele, descobri o país. Descobri que era um pequeno país na costa oeste africana, onde as pessoas, como eu, tinham o português como língua oficial. À época, eu não imaginava que poucas pessoas fossem, de fato, falantes do português.

A segunda vez que conheci a Guiné-Bissau foi em 2002, nos contos de Odete Semedo. Descobri que as histórias que ela contava lá eram muito parecidas com umas histórias que se contavam por aqui, no Brasil. Ao seu texto que misturava a fala com a escrita chamavam oralitura. Fiz dessa autora meu objeto de estudo por três anos. A Guiné-Bissau entrara na minha vida para ficar.

A terceira vez que conheci a Guiné-Bissau foi por causa de uns exemplares da *Revista Tcholona* que consegui pelas mãos de Abdulai Sila. Ele me ajudou a conhecer a Guiné-Bissau algumas outras vezes pelos seus livros, mas não só. As leituras que consegui por meio de Sila me levaram cada vez mais a conhecer melhor aquele

país. Enxergá-lo com mais clareza. Entender suas idiossincrasias, suas manias e crenças. A cada dia desejava mais estar lá e ouvir o crioulo, que era a verdadeira língua do povo.

A quarta vez que conheci a Guiné-Bissau foi com Moema Augel e o que ela conhecia da literatura. Como diz Eliseu Banori, “a literatura é aquilo que nos toca, que nos fortalece, aquilo que edifica a nossa vida”. E a literatura da Guiné-Bissau, cada vez mais, mexe comigo e me faz pensar no meu Brasil.

Também conheci a Guiné-Bissau indo até lá. Falando com aquele povo. Andando naquela terra vermelha. Vendo as crianças pelas ruas. Comprando panos no mercado Bandim. Comendo atum fumado com malagueta. Ouvindo o povo falar na língua guineense.

A Guiné-Bissau é assim, se conhece aos poucos e muitas vezes. E sempre há muito a se descobrir. É uma terra multifacetada, multicultural e muito rica, com muita história e muito sofrida. É um país encantador.

Agora, 20 anos depois de conhecer a Guiné-Bissau pela primeira vez, eu conheço um pouco da alma do guineense através de Eliseu Banori e de seu livro *Almas na agonia*.

Conheci Eliseu quando ele veio para o Rio de Janeiro fazer sua Graduação em Letras, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde eu já estudava há alguns anos. À época, eu cursava o doutorado, que resultaria numa tese sobre Abdulai Sila, o primeiro romancista guineense. Lembro-me de interromper a aula da professora

Carmen, minha orientadora, para entregar-lhe um capítulo da tese. Ela parou a aula, me apresentou aos alunos e fez questão de me apresentar ao Eliseu, o estudante guineense que estava naquela turma. Eu cumprimentei-o com mantinhas. Isso deve ter sido em 2010 ou 2011...

Em solo brasileiro, Eliseu tem semeado seu texto. Estreou na poesia com o livro *Em busca de espaço verde*, pela editora Magnífica, em 2011. Em 2012, continuou a abrilhantar-nos com seus versos na obra *O vento ainda sopra*, pela editora Multifoco. No livro *Memórias fascinantes: relatos que traduzem o silêncio*, de 2014, editora Multifoco, Eliseu inova ao embrenhar-se pelo gênero ensaístico, mas não deixa a poesia, que divide espaço com as análises sociológicas.

Eliseu Banori se mostra um audaz estreante na prosa de ficção com a novela que ora vem a lume. Sua hábil escrita poética se faz presente também na prosa tanto no fluxo contínuo de pensamento da sua narrativa, quanto na escrita de um poema que invade a cena diegética. É notável sua coragem em transitar entre os gêneros.

Em trânsito também se encontra a alma do guineense entre a esperança e o desespero. A vida no quinto país mais pobre do mundo não é fácil, e Preto João Ferreira, protagonista do romance, nos mostra isso. A falta de luz nas ruas, os problemas de saneamento básico, a constante corrupção dos políticos do país e a instituição do *suku di bas* em quase todas as instâncias se apresentam como empecilho para a trajetória de Preto e de tantos outros jovens guineenses.

O leitor é convidado a deambular com Preto e com seus compatriotas, vivenciando página após página a angústia que o dia a dia lhes apresenta. A falta de perspectivas, a falta de emprego, a falta de recursos cercam as personagens do romance de modo a imobilizar o sujeito.

A Guiné-Bissau sofre as consequências dos séculos de exploração de sua terra e de seu povo, bem como sofre com os desmandos dos governantes nacionais, que traíram os ideais revolucionários pregados durante a luta pela independência. Como a corda sempre arrebenta no lado do mais fraco, quem paga a conta são os mais pobres, como o Preto, que ama a sua terra, mas deseja sair de lá para ter algum futuro.

As tentativas frustradas de ter uma vida melhor, a quebra das expectativas nutridas ao longo do percurso e a sequência de azares permeiam o enredo, desenvolvendo uma escrita que, por vezes, parece não sair do lugar, tal qual a vida das personagens. Isso produz um espelhamento entre o narrado e a narração. A inércia dos jovens guineenses se reflete na narrativa que também se arrasta.

Como representante da novíssima literatura da Guiné-Bissau, Eliseu escreve seu compromisso com o presente e traz à tona os problemas enfrentados pelo jovem de hoje. Eu os convido, por meio da escrita dele, a também conhecer a Guiné-Bissau.

Erica Cristina Bispo

Rio de Janeiro, 30 de agosto de 2015.

Sumário

Nota do Autor.....	11
Prefácio.....	15
CAPÍTULO I - Salva quem puder	21
CAPÍTULO II - Aspiração	35
CAPÍTULO III - Mistida resolvida e o azar a porta	37
CAPÍTULO IV - A visita inesperada ao tio Kufur.....	45
CAPÍTULO V - A visita de tio Kufur ao terreno.....	49
CAPÍTULO VI - Pedido de desculpas	53
CAPÍTULO VII - Desilusão continua	61
CAPÍTULO VIII - A promessa e a cerimônia	67
CAPÍTULO IX - Frustrações e desesperos cresciam.....	71
CAPÍTULO XX - O segredo desvendado.....	79
CAPÍTULO XI - A dor da injustiça	85
CAPÍTULO XII - A vida solidária do João Ferreira.....	91
CAPÍTULO XIII - Sete escuridões da maldição.....	97
CAPÍTULO XIV - O sabor do tempo	103
CAPÍTULO XVI - A compra do carro	109
CAPÍTULO XV - Viagem a Portugal e a vida dura desse país.....	115
CAPÍTULO XV - Regresso	131
Glossário	143

CAPÍTULO I

Salva quem puder

— Temos que vender está terra, cada um pegar uma parte da grana e vai fazer sua vida no mundo afora. Dizem que a nossa terra é rica, verde, com muito petróleo, fosfato, entre outros. Não sei se é verdade, mas se corresponde mesmo à verdade como costume ouvir nessa *prasa* será mais cara ainda, o valor será mais alto, assim cada um ganhará uma parte maior que lhe permite realizar seus sonhos. No meu caso, vocês vão me encontrar na Europa, viver uma vida que eu mereço. Eu não devia ter nascido neste país, veja o meu corpo, a minha maneira de pensar, a minha forma de falar, o jeito como eu ando, as roupas que eu uso. Não são caras, mas são de classe, eu sei andar na moda. Até o meu sobrenome “— João Ferreira é do branco”. Para ser sincero eu me arrependo muito de ter nascido nesta terra, viver aqui é um peso de consciência de cada dia. Diziam os mais velhos que na *foronta* qualquer saída é saída, mas sair daqui a outro país da África, jamais, todos são farinha do mesmo saco. Sabe, os governantes africanos amam o trono demais, os brancos procuram cargos políticos para enfeitar seus currículos, quando as coisas não andam bem, eles pedem demissão, porém os governantes africanos preferem morrer no trono. O nosso país está em retrocesso, até me dá dor de cabeça falar desta terra, como eu já vos disse temos que vendê-la... Em pleno século 21, nós estamos ainda com problemas da eletricidade, saneamento básico, hospitais com faltas de remédios, escolas com

sucessivas greves. Sem falar de golpes de estados, isso é o que não falta neste país. Eu não viajei muito, vim do interior do país, lá do Boé, onde foi proclamada a independência do país. Lá a gente não depende tanto dos brancos. Tudo o que comemos são da terra, frutos da nossa lavoura, mas aqui na *prasa*, se o barco não buzi-nar no porto de Pindjiguiti, a esperança do povo morre. Na verdade, confesso a vocês, tudo o que eu desejo é sair deste país. Aqui salva quem puder. Quem conseguir sair desta terra, digo que está salvo dessas misérias, da inveja, das feitiçarias, enfim, de puxa saco dos nossos políticos. Eu que não sei puxar saco de ninguém, por isso, morrerei de fome e de oportunidade de emprego. Puxar saco é falta de respeito, a minha personalidade não me permite fazer isso, não estudei muito, mas o nível que eu tenho pode me ajudar a conviver com os brancos na língua deles. E, essa coisa de puxar saco, os brancos não têm isso, o mérito é de cada um. Sabe, por isso, que a nossa terra não cresce nem desenvolve, pois, todos querem ser presidente da República, se bem que o cargo de presidente é para quem tem consciência de governar, espírito de querer fazer e de governança. Não é para todo mundo, pelo menos eu aprendi isso com o meu avô. Ele dizia que quem está representando o povo deve olhar para interesses de todos, sem exceção, olhar para todos como um povo, deixar de lado questões étnicas, pessoais e raciais. Isso sim é ser presidente, ter capacidade de enxergar os problemas e a crise da nação, procurar de forma sábia as saídas precisas. Mas, na Guiné-Bissau, parece que tudo acontece a priori, basta ajudar a fazer a

campanha eleitoral, seu cargo já está garantido. Já temos até ministro que não sabe assinar, isso que é graça. Os brancos quando escutam isso devem morrer de nos rir. Mas fazer o quê é a nossa terra. Um dia *i na sabi suma ku garandis fala*. Já vos disse, voltou a dizer, só quero sair daqui para Europa livrar das balas que não tem hora de sair do gatilho. O país agora parece que está nas mãos dos nossos militares. Desde que provaram o sabor, antes provado, não querem mais fechar os olhos de debulhar a boca desse balaio de grãos.

O dia não os amanheceu bem, diz mana Antonia (como os meninos do bairro costumam-lhe chamar, pela consideração) que escutou todo o discurso de Preto João Ferreira, seu nome de registro de identidade. Ele gosta mais de ser chamado de “João Ferreira”, Preto é nome dos pretos mesmos como ele sempre dizia. João Ferreira é o nome que ele apresentava em todos os lugares que frequentava, mas os amigos de infância e os mais velhos da *moransa* só o chamava de “Preto”, quando está contente respondia com bom humor e disposição, porém quando o Benfica, (seu time de coração) perde pro Sporting ou pra um time menor ou quando está falido não respondia seja quem for. Por forte paixão que tem do time, a derrota do mesmo lhe fazia adoecer, até perdia os quilos com àquilo, a vontade de ficar no quarto era imensa. Mas o povo nas ruas onde o Preto frequentava ficava com saudade, pois o João Ferreira, apesar de ser conhecido como um bom *dubriado* era muito simpático um bom contador de histórias e de adivinhas, frutos das brincadeiras da sua infância em Boé, ouvindo os mais ve-

lhós contando estórias ao pé de fogo em ar livre. Desde sua chegada no bairro de Cupilum, Preto sempre procurou aliviar as pessoas das suas dores, através das piadas e esclarecimento das notícias recentes dos jornais. O jovem Preto era muito querido que qualquer ausência pudesse ser percebida facilmente pelos moradores do Cupilum de baixo. Alegre mais de que nunca, sorriso capaz de iluminar qualquer escuridão. Segundo o Preto, os sonhos são como um feixe de lenha de fogo que arde em nós que ninguém consegue apagar. As mulheres velhas, homens velhos do bairro e dos bairros vizinhos sempre o procurava para detalhes das notícias e para opinar sobre negócios alheios. Ele era muito bom de coração, que não conseguia dizer “um não” a ninguém, mas a sua vida era repleta de amargura. O fato incomodava bastante o jovem há muito tempo, pois não conseguia entender por que vivia naquele mundo de irrealizações, cheias de cicatrizes que não se apaga facilmente, por isso, não deixava de debulhar-se em lágrimas, quando não se realiza uma *mistida*.

Mana Antonia não costumava e nem gostava de meter nas discussões, ou seja, nas conversas dos meninos da *bancada*, ouvia tudo, às vezes ria sozinha na cozinha, às vezes abanava a cabeça para carpir-se. Tudo para ela era conversa da juventude, fase de muita discussão, de muitas descobertas e de muitas curiosidades. Desta vez, a dor não a deixou pregada na cozinha dirigiu-se à *bancada* dos desempregados e começou a falar com o Preto e todos os que estavam presentes na mesma, o clima era tenso e agitado. As dores dos jovens eram percebidas em

cada olhar, tristes com a situação econômica e política, a qual vivia o país há séculos...

— *Bo sufri nba fidjus, es tera i di nos, si sabi i di nos, si ka sabi i di nos...* Eu sei a vossa dor, nós somos *padidas*, qualquer *padida* deseja um futuro prospero do seu filho. Eu vejo vocês todos os dias nessa *bancada*, a discutir futebol, ora a política. Eu não ando essa *prasa*, mas muitas coisas que eu já sei são através das vossas discussões e conversas nessa *bancada*. Até os nomes de: Zinédine Zidane, Luís Figo e do Ronaldo fenômeno já sei chamar, além dos políticos famosos dessa *prasa*, sem falar dos nomes dos lisboetas recém-chegados e das mulheres que vocês chamam “*pega na mon*” que estes pegam para passar uma noite, os que andam nos carros importados, os que têm melhores casas na cidade. Tudo eu conheço, eu fico ali na cozinha, a escutar vocês, por isso, sei de tudo. Mas isso me dói, fico a imaginar se cada um tivesse um trabalho, seria melhor coisa, seria uma alegria para cada mãe de vocês. O que posso dizer-vos: um dia tudo acaba. Eu vejo *kasabi* no rosto de cada um de vocês, conheço a capacidade, dom e talento de cada um. Olham para Ndapas muito jovem e já terminou o ensino médio há quatro anos, sem nenhum emprego e nem possibilidades de conseguir uma bolsa de estudo para Europa, a trabalhar de graça para o estado, dando aula dia e noite. Para mim, ele é um desempregado, porque quem trabalha e não recebe é mais que um desempregado. “Ele não recebe do estado, mas recebe dos alunos, murmurou uma voz lá no fundo que a tia Antonia nem reconheceu quem era. Afirmação era uma grande

verdade que todo o bairro sabia, que no final do semestre o Ndapas era muito procurado pelos seus alunos em sua nova casa em Bandim Bilá, na maioria meninas, estas davam *suku di bas* à Ndapas para poder passar de classe. A maior parte das meninas que ele já namorou são suas próprias alunas *mbabas* como dizem em bom crioulo da terra. Elas não assistiam nem pelo menos cinquenta por cento do curso, reclamando que a matemática era uma disciplina difícil, andando com saias curtas ajustadas e bolsas penduradas aos ombros, procurando os lisboetas recém-chegados e altos membros de governo na *prasa* de Bissau.

De fato, quando Ndapas começou a lecionar na escola “tempestade” era um professor honesto, muito rigoroso, ensinava à matemática de uma forma simples que facilitava a compreensão da mesma, por isso, pegava pesado na prova. Não dava rosto a ninguém com esse negócio de “prova de salvação”. Já teve várias contradições com os colegas professores que o procurava para passar de classe seus parentes e comadres. Mas ele era muito firme na sua decisão, defendia bem sua posição e dignidade em relação à hipocrisia dos colegas docentes, argumentava que a carreira docente tem que progredir, mas para isso exige a boa imagem de todos. Era o mais novo professor da escola, muitas das vezes era confundido por um aluno no corredor da escola. Mas a sua personalidade era maior de todos, um grande exemplo de caráter e da docência escolar.

O tempo passou, Ndapas viu os colegas a construir casas, comprando roupas bonitas de marcas, que não

são baratas, muitos com toca-toca, restaurantes e mais... O fato causou forte ciúme no coração do jovem professor. “Se eles que lecionam disciplinas fáceis, têm tudo isso, me imagino eu que dou matemática, já fui advertido há muito tempo sobre isso, mas minha honestidade vai me enterrar pobre, este ano tenho que começar a elaborar provas mais difíceis, no final aceito *sakus di bas*, eu também mereço uma vida digna, o progresso deste país é tão pesado que eu não posso carregá-lo sozinho”, disse Ndapas no seu pensamento amargurado. Só que a forma como Ndapas vinha a fazer esse negócio tornou-se escândalo e muitos comentários acerca na *prasa* de Bissau, o fato não contentou os professores mais velhos, mas ninguém ousava lhe falar nada, até na frente do diretor da escola “tempestade” negociava com seus alunos, porque todos tinham *rabu di padja*.

— Já é basta tia Antonia, o Preto tens razão “esses filhos da puta, me desculpe pela expressão”, que se acham governantes não pensam igual você, pensamento de uma *padida*, a não ser nos interesses de seus filhos. Olha como a *bancada* está cheia, todos desempregados, com exceção do Ndapas entre aspas, outros jogando cartas, outros jogando damas e lidó. Se cada um tivesse um trabalho, estaríamos cá, a falar dos outros, esperando as *badjudas* que voltam de feira, para pedir o troco de feira a fim de fazer uma *barigada*? Isso me dói, às vezes me dá vontade de morrer.

— Que isso Kumbito a morte é sagrada não se pronuncia de qualquer jeito, ela fica ao nosso lado, a escutar somente quem a chama. Você é muito novo para perder

a esperança, olha para mim Kumbito, sabes quantos anos eu tenho, pensas que as pessoas me chamam de “tia Antonia” por acaso, vivi muito tempo, passei muitos *kasabis* nessa *prasa*, mas todos esses anos eu vivi com a esperança de que um dia Guiné-Bissau vai mudar, não sei quando, porém em minha oração é que essas pragas nos larguem. O que eu passei não quero que vocês passem por isso. Desde mato contra os *tugas*, levando e trazendo as balas, até hoje eu choro na alma. Tudo passa meus filhos não desanime, não deixem que o ódio ocupe o lugar de sonhos de longos anos. Vocês têm bastante razão até o Kumbito, mesmo quando o mosquito lhe morde não o mate, a falar desse jeito, em voz alta. Tudo passa como dizia a cantiga que cantávamos no mato “*i ka ten kinti ku ta fria, bo limpa larmas*”. Nós lutamos contra os *tugas* onze anos, não são onze dias nem são onze semanas, são onze anos. Quem diria que nós íamos expulsá-los da nossa terra? Só Deus sabe o que passamos no mato: dormindo no chão, mosquitos, chuva e sereno em cima da nossa cabeça. Quando lembro isso, o meu coração chora. Mas vale a pena sacrificar para um futuro almejado. Deus olha para os que lutam e dá paz para corações oprimidos. O discurso da tia Antonia emocionou todos os jovens na *bancada*, pois a tia Antonia falava com lágrimas às faces. Abraçou cada um deles, um abraço de esperança começou a cantar: *fé na bo ntene fé na bo* Guiné, duas vezes repetidas em refrão. Rodeados em círculos todos respondiam em coro a letra, a *moransa* toda de Cupilum de baixo começou a aproximar da *bancada* para observar a grande novidade.

— Vamos ouvir a sua conversa tia Antonia, você tem-nos consolado sempre a olhar para frente, mas parece que na Guiné-Bissau, as coisas vão de mal para pior: os golpes sucessivos, eleições sucessivas, sem frutos de progressos. Quem sofre com tudo isso é o povo. Para isso, vou me esforçar para sair deste país, este não é país, mas sim quintal dos nossos governantes. Só peço a Deus que me ajude que *Irans* dos meus avôs me escutem a realizar esse sonho, que eu já tinha desde minha infância, se eu sair daqui nunca mais voltarei, para vocês mandarei as fotos, um bocado de dinheiro para comprar pelo menos um saco de arroz que aumenta de preço a cada dia. O que estiver a meu alcance eu faço de boa vontade, vocês sabem que eu tenho coração. Não sou daquele tipo que fica na bicha do banco durante dia inteiro, esperando depositar dinheiro na conta, enquanto os pobres morrem de fome. Confesso a vocês, eu amo esse país, meus trinta anos foram aqui, nunca viajei na minha vida para exterior, mas no dia que eu sair daqui nunca mais voltarei.

— Não tire isso da sua boca Preto, você nasceu aqui, todos seus parentes estão aqui, como que você vai ficar na terra dos brancos se você tem a sua terra. O que sei as pessoas vão lá para tentar sorte e se der bem voltam para ajudar a família: construir casas e abrir negócios. Se você pensa assim, *irans* dos seus avôs não vão te acudir, talvez fosse por causa disso que a sua sorte não abriu. Olha, o que ouvi falar, os brancos também não são como você pensa. Lá a vida também não é tão fácil, tens que suar muito para viver melhor, hábito de acordar de

madrugada e voltar à noite para descansar, uma rotina que exige vontade e sacrifício. Nem todos aguentam essa vida de emigração.

— Mana Antonia, estás a desprezar o meu potencial, você bem sabe que eu, João Ferreira, não sou como esses jovens de *prasa*, nasci no campo, trabalho é o meu nome, trabalhar de manhã até a noite não me custa nada, desde já que tem a comida e a água para manter a força. Trabalho é minha cultura. Os brancos usam a máquina para lavrar a terra, lá na *tabanca* onde eu nasci a gente lavra a terra com arado a cantar. Tia Antonia confie em mim, sou forte. Eu sei que você gosta muito de mim, por isso quer a minha volta, mas imagina voltar para Bissau passar férias e coincidir com um golpe de estado, ou guerra civil igual aquele de “7 de junho de 1998”, você bem sabe isso é o que não falta nessa terra, pois todos querem ser presidente, ninguém coopera com ninguém para progresso do país. Mana, me perdoe, mas para voltar vou pensar duas vezes, prefiro ajudar quem eu posso ajudar, ligar de vez em quando saber das notícias, hoje a tecnologia permite-nos tudo isso.

— Preto, por favor, não fale de 7 de junho...

Tia Antonia repetiu a frase duas vezes, caiu lentamente no chão desmaiou por onze minutos e acordou, voltou a desmaiar por onze minutos. Da segunda vez todos ficaram assustados a pensar que tia Antonia tivesse morrido. Houve uns gritos de choros desesperados no meio desses jovens, pois a mana Antonia é uma mulher muito querida no bairro, bondosa, aconselhadora de jo-

vens e doador de esperança para oprimidos. Depois de um tempo a Mana Antonia começou a respirar no fundo, um sinal pelo menos que demonstrasse a vida. Lavaram a cabeça dela com água sagrada da *baloba* cada um a invocar *irans* de seus avôs. Tia Antonia levantou e caiu em choros, viu rostos tristes de grande número de pessoas que a rodeava, quase a *moransa* inteira todos invocando *irans* dos seus avôs, outros rezando para a sua alma. Antonia sentiu-se amada mais forte de viver a vida.

— Hoje, percebi que sou amada, uma pessoa como eu Deus deve guardar a vida. Eu não desmaiei, mas sim eu morri duas vezes. Mas Deus devolveu a minha alma para puder continuar a fazer a minha missão aqui na terra: missão de estender mãos aos próximos e levar a mensagem de paz aos corações oprimidos. No mundo que eu estava nesse instante era melhor que esse, porém Deus me falou: “volte minha filha a sua missão ainda não findou.” Respondi não, não, não, quero ficar aqui, quero ficar aqui, mas eu tinha que voltar. Uma criança de uns sete anos de idade abraçou-a forte e disse:

— Tia Antonia, não morre mais, por favor, não morre mais!

E todos caíram em choros.

— Não vou morrer ainda minha filha, a minha missão é tão grande que o tempo, apesar de que essa terra ainda deambula em noites de trovões, onde a escuridão aperta com rancor nas tendas dos mais fracos. A vida é Assim, no palco quem canta é o artista, porém a vibração é do público... Digo mais quem vota é o povo, mas quem

manda é o senhor interesseiro. A tia Antonia está viva. É preciso lenha, para manter a fogueira sempre acesa. Essa terra é nossa! Todos bateram uma salva de palmas em homenagem à vida dessa mulher guerreira.

A grande verdade, é que a tia Antonia nem na brincadeira gosta que alguém pronunciasse a palavra “7 de junho”, pois nessa guerra civil que aconteceu em 1998 à 1999, deixou cicatrizes amargas na sua alma. Nessa guerra perdeu duas filhas lindas e um sobrinho, além do filho de um vizinho que essa guerra deixou aleijado. Esse jovem tinha grande sonho de ser jogador de futebol, dava muita alegria jogando a bola, porém seu sonho morreu, hoje andando na cadeira de rodas. A tia Antonia chora sempre quando encontra o jovem no caminho de feira. O acidente aconteceu em 7 de maio de 1999, quando a população de Bissau, a maioria de bairro de Bandim se refugiou em “CIFAP” (Escola de formação da igreja católica situada em Bandim, que serviu de refúgios de um grande número de pessoas da cidade de Bissau durante guerra civil em 1998/1999.) para proteger da entrada de militares rebeldes à cidade de Bissau. Era o final dessa guerra medonha que terminou com tragédias em todos os bairros de Bissau. Algumas bombas foram lançadas nessa escola que até hoje na *prasa* de Bissau ninguém sabe se foi de lado de governo ou se foi de lado dos militares rebeldes da época. Essas bombas atingiram a escola, onde estavam milhares de pessoas refugiadas.

— As almas inocentes de “-CIFAP-” ainda clamam com ódio nessa *prasa*, por isso as coisas estão indo de mal para pior, pois não são lembradas nem na memó-

ria nem no calendário. Quem é *padida* sabe quanto dói perder um filho, mas Deus está vivo e olha com os olhos atentos as nossas angústias. Quem sofre com tudo isso somos nós “— o povo —”, disse mana Antonia com rancor sobre o que vinha a acontecer na cidade de Bissau.

Mana Antonia saiu no meio dos jovens muito agonizada, mas com a consciência de que estes têm razão em relação à situação que o país enfrenta. No mundo que vivemos as mudanças devem ocorrer de maneira muito mais acelerada, que visa a um desenvolvimento sólido e eficaz de um povo, os jovens são forças motoras da nossa sociedade, por que são poucas as oportunidades deles no mercado de trabalho, são usados para fins lucrativos e nunca são capazes de erguer a bandeira de esperança de um mundo que eles desejam. São culpados e condenados muitas das vezes, aprisionados com colmos que não se vê, muita das vezes tentam soltar por si mesmos, mas nunca conseguem por tantos obstáculos rodeados. Nos aspetos da vida, detecta-se a noção de que os jovens devem servir à pátria como dignidade da conduta humana, espírito patriótico, porém tudo não passa de hipocrisia dos *djintons* da nossa terra. Foi assim que a mana Antonia saiu no meio dos jovens conversando consigo mesma.

A dor muitas das vezes é necessária, mas, quando nos atinge na alma é como se estivéssemos a viver em noites de assombração. O passado amargo não se esqueça de qualquer jeito, ainda que tentasse esquecê-lo a mágoa e a dor desse passado refundiam-se sempre em nosso peito, pois é, o coração sem paz gruda sempre

ao passado travento. Assim vivia a tia Antonia há muitos anos, depois daquela guerra brutal denominada “7 de junho”. Até hoje a tia Antonia não anda em zonas de CIFAP.

— Tia Antonia sufri bu pega Deus. Todo o bairro sabe o quanto doeu na sua alma, até hoje o dói, eu também sou *padida*, perdi netos e conhecidos bem próximos a mim nessa guerra, contudo decidi superar toda essa mágoa. Não adianta fugir de escutar a palavra “7 de junho”, pois já entra na história do nosso país. As lembranças amargas a gente joga por fora, e deixar remoldar a nossa alma como faz um protético com uma peça. Não remora de viver uma nova vida, esquece esse passado amargo, diz a mama Beti.